

## A UTILIZAÇÃO DE RODAS DE CONVERSA COMO METODOLOGIA QUE POSSIBILITA O DIÁLOGO

Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo<sup>1</sup>  
Tacinara Nogueira de Queiroz<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse escrito problematiza o uso de rodas de conversa como metodologia de pesquisa em psicologia, guiada por perspectivas do feminismo. Para tanto, se apresenta a utilização dessas em dois contextos de pesquisa distintos, com diferentes atores, tendo por objetivo destacar que o emprego dessa metodologia participativa favorece a construção de uma prática dialógica em pesquisa, que possibilita o exercício de pensar compartilhado. A primeira descreve o desenvolvimento de rodas, realizadas com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I) da cidade de Itaporanga-PB, e enfatiza que o uso dessas contribuiu para fomentar a reflexão e o diálogo do grupo e, apesar de não ter uma intencionalidade clínica, produziu uma intervenção direcionada para a transformação dos usuários, no que diz respeito a pensar sobre a temática da loucura. A segunda se pauta numa pesquisa etnográfica com crianças, no contexto de uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE, e traz a construção de rodas de conversa de modo espontâneo, realizadas pelos sujeitos da pesquisa. Nesse estudo, foi possível vivenciar uma nova experiência, a qual favoreceu as condições de espontaneidade, reflexão, autonomia e curiosidade das crianças, no que concerne à educação sobre sexualidade.

**Palavras-chave:** Metodologia Participativa. Rodas de conversa. Prática dialógica.

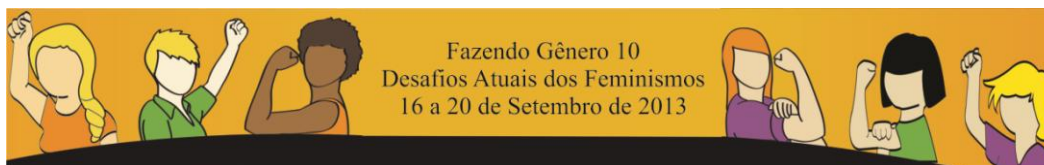
Esse trabalho apresenta a utilização da metodologia de rodas de conversa em dois contextos de pesquisa distintos, com diferentes atores, tendo por objetivo destacar que o emprego dessa favorece a construção de uma prática dialógica em pesquisa, que possibilita o exercício de pensar compartilhado. Assim sendo, inicialmente, descreveremos o desenvolvimento de rodas de conversa, em uma pesquisa de cunho qualitativo com usuários do CAPS I da cidade de Itaporanga-PB, sendo essa intitulada “A construção de categorias e de lugares para a loucura: uma análise dos discursos de usuários de CAPS I”<sup>3</sup>. Nesse estudo foi feito uso da observação participante e de quatro rodas como recursos metodológicos, tendo como respaldo a abordagem da Psicologia Social Discursiva.

Deteremo-nos, especificamente, à descrição das rodas realizadas, trazendo à tona os autores que contribuíram para pensar essa metodologia participativa, os quais foram Mélló et al. (2007), Afonso e Abade (2008), ao mesmo tempo em que os questionaremos, para produzirmos “nossas rodas”.

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife/Brasil.

<sup>2</sup> Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife/Brasil.

<sup>3</sup> Pesquisa de mestrado, realizada por Alessandra A. F. de Figueirêdo, a qual esteve vinculada a Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Dra. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro e com apoio financeiro da CAPES.



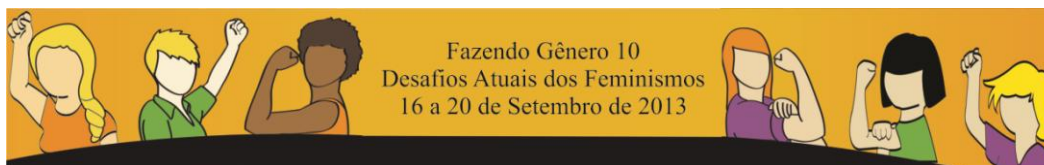
De acordo com Mélló et al. (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Destarte, ao mesmo tempo em que as pessoas falam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da educação e seu fundamento metodológico se alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves. Para auxiliá-las nesse processo de quebra dos entraves, bem como para facilitar a comunicação e a interação, se pode fazer uso de técnicas de dinamização de grupo, sendo utilizados recursos lúdicos ou não. Apesar de os coordenadores poderem escolher uma técnica visando um objetivo, é o grupo quem “dá a palavra final”, ou seja, é ele quem vivencia e direciona a técnica para seus objetivos.

Conforme ressaltam esses autores, as rodas de conversa se diferenciam de outras atividades grupais, como a terapia de grupo, pois, para o desenvolvimento das rodas, os sujeitos podem se expressar no grupo, mas não é necessário que sejam revelados seus segredos, muito menos é orientada a invasão de sua intimidade.

Desse modo, procurando trabalhar com a reflexão e o diálogo, construímos “nossas rodas”, a partir das questões de pesquisa, do referencial dos autores citados e do auxílio de uma figura que foi edificante nesse processo, a psicopedagoga do CAPS, que nos ajudou na organização das dinâmicas para os encontros, assim como nos auxiliou na facilitação das discussões, durante o desenvolvimento das rodas.

As rodas de conversa foram realizadas entre os dias 10 de Julho de 2012 e 26 de Julho de 2012, durante os dias de segunda-feira e quarta-feira, no período da manhã, horário em que a psicopedagoga realizava suas oficinas no serviço. Participaram dessas sete usuários de procedimento intensivo, de ambos os sexos, que aceitaram participar da pesquisa, de modo que os encontros semanais fossem áudio-gravados e transcritos na íntegra. Assim sendo, após o “Bom dia CAPS”, que era o momento de acolhimento dos usuários na instituição e que também abria alas



para serem feitas as atividades do dia, começávamos as rodas, encerrando-as no horário do almoço, por volta das 11 horas.

- *Primeira roda*

No dia 16 de Julho de 2010, cheguei ao serviço por volta das 8:20 horas da manhã, a psicopedagoga estava na sala da farmácia com uma sacola de roupas e bijuterias. Para o grupo deste dia, tínhamos planejado trabalhar como os usuários se percebiam e como eram vistos por outros membros do grupo; utilizamos como recursos, espelho grande, peças de roupas e acessórios (relógio, pulseira, batom, chapéu, lenço, tênis, sandália, celular, brincos, etc.). A dinâmica consistia em um usuário "montar" o outro a partir das peças expostas na sala, em seguida, realizaria a discussão sobre como eles se percebiam, o que eles sentiam ao estar daquela forma, como desejavam estar e ser percebidos.

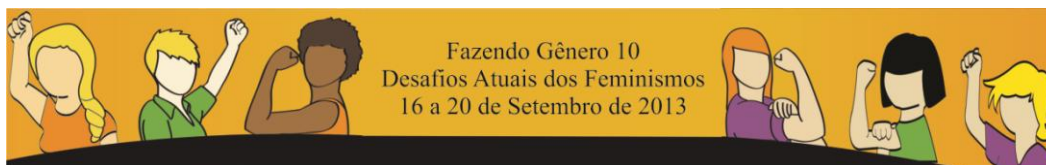
Quando o grupo foi iniciado, os participantes falavam pouco, após a descrição da dinâmica, eles escolheram as duplas para se montarem, se juntando com quem estava ao seu lado. Nessa ordem, começaram a se montar e a montar o(a) parceiro(a), a psicopedagoga os auxiliava a se vestirem, enquanto isso eu indagava sobre o que eles achavam da roupa que usavam, das escolhas do(a) parceiro(a); alguns se queixavam das peças que o(a) parceiro(a) colocava, indicando quais roupas e acessórios queriam usar, outros davam dicas sobre qual roupa parecia com o estilo dessa ou daquela pessoa, outros, ainda, passaram a se montar, ao invés de montar o(a) parceiro(a).

Ao final do grupo, com duração de 01 hora, 03 minutos e 06 segundos, os usuários refletiram sobre como as outras pessoas os percebiam, como eles se percebiam, o que os incomodava, o que os agradava, sendo ditas as categorias pelos quais eram caracterizados por seus vizinhos, amigos, pessoas desconhecidas, familiares.

- *Segunda roda:*

Para o grupo do dia 18 de Julho, indagaríamos em quais lugares os usuários circulavam e onde não circulavam, bem como quais espaços ocupavam (escolas, igrejas, ruas, CAPS, etc.). Para tanto, utilizaríamos como recurso uma maquete que simbolizava uma cidade, com ruas, casas e instituições as mais variadas (CAPS, INSS, delegacia, hospital, escola, dentre outras). Um boneco seria usado para representar um usuário de CAPS, assim sendo os participantes do grupo o guiariam pela cidade, destacando por quais espaços ele iria ou não circular. Durante a caminhada do boneco pela maquete, os usuários seriam indagados o porquê de algumas escolhas e não de outras.

Os usuários olhavam a maquete, tentando identificar quais lugares tinham na cidade fictícia, como a sorveteria, a pizzaria, o cabaré, o bar, a escola, e quais faltavam, como o posto de gasolina,



a igreja evangélica, dentre outros que eles apontavam. Houve uma intensa discussão para definir qual seria o nome da cidade, vários locais que eles conheciam foram falados até que o grupo decidiu denominá-la Itaporanga-PB; os usuários também escolheram o nome do boneco que andaria pela maquete, Alice sugeriu o nome de seu filho para o personagem.

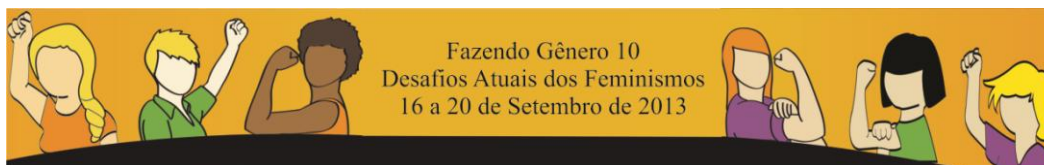
O diálogo do grupo se desenvolveu entre concordâncias e discordâncias, com levantamento de questionamentos que lançávamos para seus membros, focalizando-nos nas contradições ditas pelos participantes; entre uma indagação e outra, o boneco circulava pelos espaços da cidade, como o CAPS, a cadeia, o hospital, a praça, a sorveteria e a discussão tomava corpo. Ao fim do debate, resumimos o trajeto feito pelo boneco, fizemos o fechamento da roda com as considerações dos membros do grupo e confirmamos o próximo encontro para a semana seguinte.

- *Terceira roda:*

A roda do dia 23 de julho tinha por objetivo trabalhar as caracterizações das pessoas em sofrimento psíquico; para tanto, digitei as palavras ditas pelas pessoas, que circularam no CAPS durante o primeiro momento das observações. Essas palavras seriam postas sobre uma mesa, que ficaria no centro do círculo formado pelas cadeiras. Duas cartolinas estariam pregadas na parede, numa delas os usuários colocariam os termos pelos quais eles eram chamados no dia a dia, na outra, poderiam colocar palavras ou frases pelas quais desejavam ser chamados. A discussão seria montada em torno das escolhas feitas; o material utilizado era canetas coloridas, duas cartolinas, papel de ofício e fita adesiva.

A discussão sobre os termos se configurou, estando mais focada nas palavras que se encontravam sobre a mesa, do que sobre as coladas na cartolina, apesar disso, vez por outra, chamava atenção para as palavras postas na cartolina. Em um dado momento da roda, os membros do grupo voltaram sua atenção para a parede e passaram a contextualizar os termos que haviam selecionado. Iniciaram-se depoimentos, relatos sobre caracterizações e situações que incomodavam os usuários e que esses viviam com frequência. A partir de então, refleti que era mais confortável para os participantes do grupo classificar outras pessoas com as palavras que estavam sobre a mesa, do que falar sobre as categorias que estavam na cartolina, pois essas traziam consigo histórias que eles não queriam lembrar.

Em meio à discussão, pedi que os membros do grupo colocassem, na outra cartolina, palavras ou frases que eles gostariam de ouvir, como eles queriam ser chamados. Após escreverem as frases, utilizando as canetas coloridas que estavam sobre a mesa, os usuários leram e comentaram o que tinham escrito. A discussão foi tomando outra direção, passamos a falar daquilo que os



agradava; outros relatos surgiram, seguidos de elogios, sorrisos e indagações feitas entre os membros do grupo. Com cerca de 1 hora e 30 minutos de roda, decidimos encerrar a atividade mais cedo, antes das onze horas.

- *Quarta roda:*

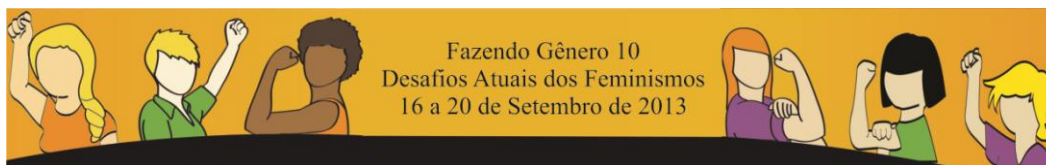
Nesse encontro, nos propusemos a avaliar as rodas anteriores, sendo utilizados como recursos: uma caixa de papelão, canetas coloridas, papel de ofício, cola, tesoura e fita adesiva. Pedimos que os usuários escrevessem em um papel o que eles se lembravam dos grupos anteriores, sendo destacado o que chamou atenção deles nesses grupos. Eles colocariam o que haviam escrito numa caixa de papelão, que estaria sobre a mesa, no centro do círculo. A caixa estaria lacrada, tendo apenas um corte no centro. Em seguida, pediríamos que os participantes retirassem alguns papéis de dentro da caixa, lessem o que estava escrito e comentassem o material lido.

Após confeccionar a caixa, pus algumas frases dentro dela, essas frases narravam eventos, ocorridos nas rodas de conversa anteriores, que considerei significantes; esse foi o modo que encontrei de participar do grupo como um de seus avaliadores. As frases escolhidas foram: GRUPO I: Tem gente que tem preconceito: “não vou para o CAPS não, porque lá só tem doido”. Agora ali dentro do Hospital tem doido, lá dentro tem pessoas piores do que a gente... GRUPO II: Apesar de trabalhar, de circular pela igreja, pela sorveteria, apesar de estudar, “fica uma mancha” na pessoa, que ela leva pra vida toda; Se não fizer o que mandam, fica ruim e volta para o manicômio. GRUPO III: os próprios usuários se machucam, chamando o outro de uma palavra que não quer ouvir; “eu gostaria que todos nós domássemos nossas línguas de não falar mal uns dos outros”.

Os participantes compararam a caixa de papelão a uma urna, Branca dizia que faríamos uma eleição com primeiro e segundo turnos, eu reforçava que nossas eleições teriam até três turnos, pois escreveríamos sobre as três rodas anteriores, e igualmente às eleições, o voto seria secreto, não sendo necessário aos eleitores se identificarem. Os usuários colocaram os papéis na caixa, destacando o que tinha acontecido na primeira, segunda e terceira rodas.

Passei a dialogar com esses sobre o que seria uma votação válida, aproveitando a comparação com a urna, eles destacaram que o voto teria que ser livre e a urna não poderia ser violada. Quando os informei que havia colocado papéis dentro da caixa, os quais eles não haviam posto, eles riram, começamos a dialogar se nossa eleição havia sido fraudada ou não. Expliquei para eles que havia posto na urna minha avaliação sobre as rodas, assim como eles o fizeram, essa avaliação era composta por frases que eles mencionaram nas três rodas, todavia, não sabíamos se





esses papéis viriam à tona, pois apenas alguns textos seriam retirados da caixa, já que tínhamos pouco tempo até o horário do almoço.

Quando a caixa foi aberta e as leituras foram iniciadas, os participantes tiveram dificuldades para comentar o que era lido, somente reforçavam que concordavam com o que era dito, após serem feitos vários questionamentos, eles começaram a comentar os trechos que ouviam, identificando, inclusive, quem tinha escrito essa ou aquela frase, desse modo, nossos votos tinham deixado de ser secretos e a discussão se desencadeara. Com muitos agradecimentos, lágrimas e vários abraços, às 11:30 horas, encerramos nossa última roda na instituição, com 1 hora, 32 minutos e 16 segundos de duração.

### **A Roda de Conversa em uma experiência etnográfica**

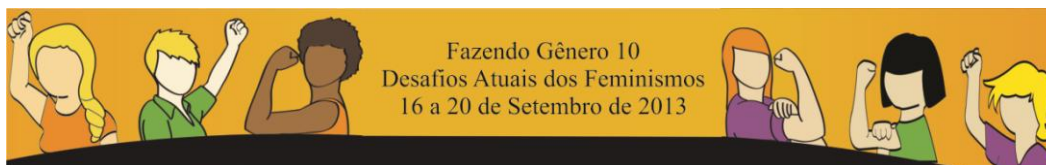
Outra perspectiva de rodas de conversas surge do trabalho de pesquisa “Significados de Sexualidades entre Crianças em uma escola Municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE”<sup>4</sup>, no qual o objetivo era compreender significados de sexualidades entre crianças. Para isso, nos interessou observar como as crianças vivenciavam a sexualidade. Assim, fiz uso da abordagem qualitativa ao utilizar-me da perspectiva etnográfica, o que tornou mais interessante no contexto da pesquisa, pois a abordagem qualitativa é viabilizada por métodos que se adaptam ao contexto, e não por contextos que se ajustam ao método, como sugerem Minayo e Sanches (1993); Demo (2003).

A pesquisa aconteceu em uma escola municipal de Cabo de Santo Agostinho, que faz parte da sub-região de Suape, integrante da Região Metropolitana do Recife, no período de 15 de maio até 3 de agosto de 2012. O grupo de crianças que fizeram parte da pesquisa tem idade entre nove e treze anos, compondo um quadro de 28 participantes.

Minhas relações nesse campo de pesquisa com os estudantes se estabeleceram a partir do contato com uma informante-chave, Amanda de nove anos, a qual colaborou para a consolidação de minha experiência em campo, pois esta se mostrou conhecedora de toda a dinâmica. Através das relações que estabeleci entre os alunos da escola, eu participei de algumas aulas, em especial de Educação Física, um fator que possibilitou desvinculação das figuras de mais autoridade. Assim, foi na relação de empatia ao dedicar-me a ouvi-los, reconhecê-los, integrar-me nas mesmas atividades e colocá-los como principais em minha entrada, em qualquer atividade e conversa com professores, diretoras e funcionários, que possibilitou a inversão do jogo da hierarquia. Desse modo,

---

<sup>4</sup> Pesquisa de mestrado, realizada por Tacinara Queiroz, a qual esteve vinculada a Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. Luís Felipe Rios e com apoio financeiro da FACEPE.

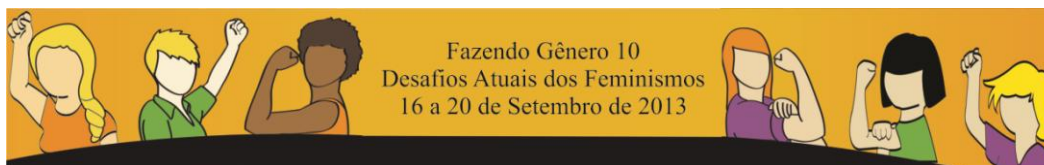


possibilitou, na metade das observações de quase três meses, eu ser convidada pelos alunos a participar de diferentes espaços, como atrás e a lateral da escola.

Esse momento ocorreu na mesma época na qual eu havia previsto no projeto que seriam elaboradas “rodas de conversa”. No entanto, das discussões que estabeleci com meu orientador e das leituras que vinha realizando, desde a produção do projeto, e somadas às discussões tidas com Alessandra Aniceto sobre teorias de rodas de conversas, acabei por repensar o que encontrava nos estudos sobre esse método. Ao longo das leituras desses estudos, percebi que as rodas de conversa pareciam se fundar em uma perspectiva de Paulo Freire, mas, durante as realizações das rodas na metodologia e na análise dos trabalhos, evidenciou-se mais a ideia de grupos operativos e focais. Minhas dúvidas referiam-se a como eu poderia, imersa em uma perspectiva freiriana, que visa à autonomia e ao discurso espontâneo, estabelecer entre os participantes as formas de participação no grupo, se por idade ou sexo, e selecionar as temáticas e os conteúdos.

Ainda que seja característica da dinâmica do grupo a livre discussão por meio de perguntas, ocorrendo o surgimento de outras questões, a intervenção e a condução, para não sair dos temas trabalhados, é tomado como responsabilidade do facilitador. Eu mesma imagino ter pensado dessa forma, quando propus, no projeto de qualificação, trabalhar nas rodas de conversas questões de namoro, reprodução etc. Contudo, nesse caso, eu levantaria questões, isto é, “questões norteadoras”, muitas delas inclusive pautadas pela ideia da “biopolítica” (FOUCAULT, 2010). Desse modo, estariam essas práticas com grupos, citadas acima, banhadas por certa biopolítica, com práticas disciplinares através do conhecimento de *expertises*, esses representados aqui na figura dos facilitadores dos grupos. E as questões norteadoras atravessadas por teores de regulamentação sobre seus processos biológicos.

Contudo, como citei, quanto ao fundamento de pesquisa qualitativa, percebi que a realidade não se adapta aos métodos, mas os métodos se moldam e se reconstruem na realidade pesquisada (MINAYO; SANCHES, 1993). Na metade das observações, fui convidada pelos alunos e alunas para frequentar outros espaços comuns, a fim deles ficarem mais distantes dos olhos das autoridades, como na lateral ou na parte posterior do prédio. Assim, a partir desse momento, vi montar-se uma grande roda espontânea de conversa, debates, reflexões e trocas de experiências entre eles, que foram compartilhadas com mais experiência vivida, em que eles mesmos se confrontavam, questionavam as vivências uns dos outros, colocando-se para pensar em situações diferentes e em suas próprias situações vividas.

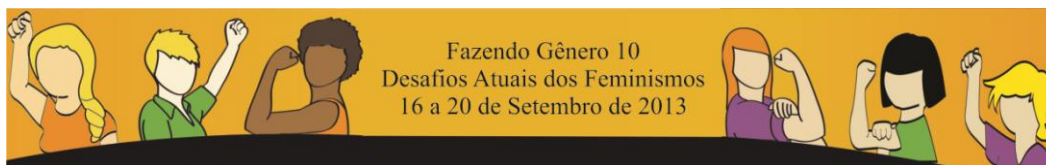


Nessas “rodas”, ficavam por volta de 20 pessoas, de ambos os sexos, algumas sentadas e outras em pé, em uma dinâmica em que algumas saíam, outras voltavam e outras chegavam. Assim, vi funcionar discussões e explicações de diversas temáticas/assuntos/questões em uma etnografia e por meio de propostas como a espontaneidade, curiosidade e autonomia (FREIRE, 2011). Nessa experiência, os assuntos na roda se circunscreveram sobre diversos temas, no caso do meu trabalho que tinha foco sobre a sexualidade, eu só vinha a analisar ao final das rodas, já distante de todo o contexto. Era ao escrever o diário das rodas de conversa espontâneas que eu pensava nas compreensões dos temas levantados, em como havia sido possível a reflexão por parte deles e que lacuna na discussão houvera. Em seguida, categorizava a roda por conteúdo. Assim, nessa nova construção de rodas que passaram a existir, foram levantados temas como: sexo, paquera, ficar, aborto, drogas, abuso, pichação, gravidez, contexto familiar, música, gênero e criança, dentre outros.

Foi dessa maneira, que fui introduzida a refletir sobre uma perspectiva diferente de ver e trabalhar com grupos. Passei a imaginar essas ações como uma “roda viva”, em alusão à música de mesmo nome de Chico Buarque, lembrando de trechos como: “Mas eis que chega a roda viva e carrega a viola pra lá...”. Isso porque, nesses encontros, os participantes relacionam seus discursos e reflexões em uma construção e desconstrução muito viva, conforme a fugacidade do momento, em que um deles apresenta suas críticas das narrativas uns dos outro e carrega toda uma linha de raciocínio para outro viés crítico como, por exemplo, um debate levantado pelo grupo sobre a mobilidade das meninas sob vigília dos pais, enquanto os meninos detém maior liberdade. As meninas tentam a todo custo justificar serem coibidas a saírem por questões de possível gravidez ou estupro e são os meninos que as possibilitam refletir, se colocando como tão vulneráveis quantos elas.

Assim, neste trabalho, senti-me influenciada por proposta de Paulo Freire, como citei anteriormente, como a da refletividade, a qual através da reflexão sobre você e o mundo, os sujeitos são capazes de se comunicarem, possibilitam se entenderem mutuamente. E outra proposta vem do princípio da autonomia, com o caráter levantado por ele da curiosidade, está pautado no direito a liberdade dos sujeitos reverem, avaliarem, mudarem ou complementarem seus preconceitos, estando eles abertos a curiosidade, enquanto elemento importante para a criticidade. A ideia de facilitador estaria na via da curiosidade, do ser curioso, alguém que emerge e submerge na curiosidade e se disponibiliza a ouvir mais do que falar (FREIRE, 2012).





Logo, para um trabalho desse tipo se efetivar, foi preciso mais do que planejamento estratégico de quantidades de encontro: foi preciso tempo para estabelecer confiança e respeito mútuo. Assim, faz-se necessário a inserção em comunidade/grupo, privilegiando o conhecimento da experiência subjetiva dos sujeitos em relação à sua vida cotidiana; do mesmo modo, o conhecimento da realidade coletiva e individual do grupo, ao se participar desse cotidiano. Essa prática pode ser compartilhada ou compreendida se o outro se sentir no lugar de colaborador do debate ou mesmo de facilitador/cofacilitador, percebendo-se mais do que como um detentor de opinião e narrativas: na verdade, como um construtor destas.

### **Algumas Considerações**

O que podemos refletir desses estudos é que foram experiências com ganhos discursivos e científicos interessantes, pois, através da primeira experiência, pudemos analisar o papel e a construção de rodas de conversa dentro dos modelos tradicionais, que contribuíram para fomentar a reflexão e o diálogo do grupo e, apesar de não terem uma intencionalidade clínica, produziram uma intervenção direcionada para a transformação dos usuários, no que diz respeito a pensar sobre a temática da loucura.

Através da segunda experiência, apontamos uma significativa reflexão metodológica, gerada pelo próprio contexto de pesquisa, uma vez que foi possível vivenciar uma prática espontânea de rodas de conversa, a qual favoreceu as condições de reflexão, autonomia e curiosidade das crianças, no que concerne à educação sobre sexualidade. Isso contribui para pensarmos práticas pedagógicas inovadoras, que possibilitem uma educação, a qual aprimore e potencialize uma aprendizagem sexual, já instalada entre as próprias crianças, conduzida a partir do que elas sabem.

### **Referências**

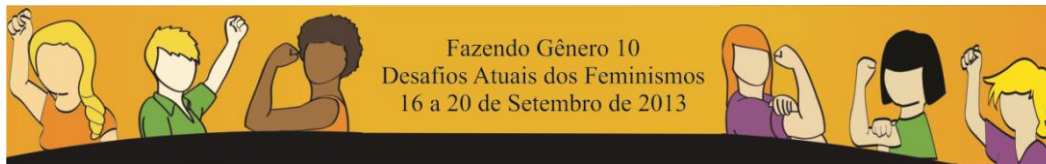
AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Ed: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Ed: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2012.



MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set. 1993 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>.

### **Use of Conversation Wheels Like Methodology that Enables the Dialogue**

**Abstract:** This writing shows the use of conversation wheels as a methodology for research in psychology, guided by prospects of feminism. To this end, we discuss the use of these studies in two different research contexts, with different actors. We aim to highlight the use of this participatory methodology for the construction of a dialogic practice in research. The first describes the development of conversation wheel, made with users in a Psychosocial Care Center (CAPS I) the city of Itaporanga-PB, and emphasizes that the use of this methodology helped to foster reflection and dialogue in the group, and although hasn't a intentionality clinic, produced a targeted intervention for the transformation of the users with regard to thinking about the theme of madness. The second research was based on an ethnography with children in the context of a municipal school in Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, and brings the production of wheels conversation spontaneously created by the research subjects. In this study, it was possible a experience new, which favored the conditions of spontaneity, reflection, autonomy and curiosity of children, with regard to sexuality education.

**Keywords:** Participatory Methodology. Conversation Wheels. Dialogic Practice.